

(GTX - VIDA)

Encontrando uma deusa latino-americana

Doutoranda Maira Gouveia (UFPE)
Dra. Oriana Duarte (UFPE)

Resumo

Este ensaio relata aprendizados desencadeados a partir do encontro com a deusa mesoamericana pré-hispânica Tlazoltéotl, vivenciados durante a estadia no México para uma experiência de doutorado sanduíche na Universidade Autônoma do México (UNAM) e em Cuba numa visita para conhecer o contexto do ensino de design na Faculdade de Design da Universidad de La Habana (ISDI). A deusa (do *Nahuatl*: 'tlazōlli, sujeira; teōtl, divino'), é uma divindade de origem *huasteca*. Na mitologia mexicana, 'tlazōlli' pode ser traduzido como sujeira e lixo, contudo, numa leitura aprofundada, se refere a algo que perdeu sua estrutura, portanto a palavra pode ser entendida como algo que perdeu ou que altera a ordem. Assim, aqui notamos que para que algo deixe de significar lixo ou simbolizar o descarte, é necessário que devolvamos a esse elemento alguma estrutura própria e um lugar na estrutura das coisas/da vida/dos sistemas. A deusa, que come lixo/sujeira e transforma em adubo, congrega elementos aparentemente paradoxais: é uma deusa da tecelagem, dos partos e nascimentos, mas também da guerra, da morte e das transformações. Isso revela a fina tecnologia do sensível e o conhecimento ancestral da correlação vida-morte-vida como algo cíclico, saberes praticados e incorporados nas culturas ancestrais latino-americanas. O achado da deusa despertou uma série de reflexões sobre as relações entre desejo/desecho (dejetos, lixo) e consumo, tecnologias, design, desígnios e em torno dos sonhos latino-americanos que compartilharemos a partir de jogos de palavras e costuras com autoras latinas.

Palavras-chave: Desejo; Dejetos; Tecnologias Do Sensível; Tlazoltéotl.

Abstract

This essay reports on the lessons learnt from the encounter with the pre-hispanic Mesoamerican goddess Tlazoltéotl, experienced during a stay in Mexico for a sandwich doctorate at the Autonomous University of Mexico (UNAM). The goddess (from Nahuatl: 'tlazōlli, dirt; teōtl, divine'), is a deity of Huastec origin. In Mexican mythology, 'tlazōlli' can be translated as rubbish, but in a deeper reading it refers to something that has lost its structure, so the word can be understood as something that has lost or changes order. So here we see that for something to cease to mean rubbish or symbolise discarding, we need to give it back some structure of its own and a place in the structure of things/life/systems. The goddess who eats rubbish and turns it into fertiliser brings together apparently paradoxical elements: she is a goddess of weaving and childbirth and rebirth, but also of war, death and transformation. This reveals the fine technology of the sensitive and the ancestral knowledge of the life-death-life correlation as something cyclical practised and incorporated into Latin American ancestral cultures. Nêgo Bispo summarises: "Beginning-middle-beginning" to signal the ways in which the original

CIACT/SAD 09

peoples viewed the forms of life and time. The finding of the goddess sparked a series of reflections on the relationship between desire and desecho (waste, rubbish) and Latin American consumption, technologies, design, plans and dreams.

Keywords: Desire; Dirt; Technologies Of The Sensible; Tlazoltéotl.

Everybody knows that our cities were built to be destroyed...

ENCONTRANDO UMA DEUSA PARA O DESIGN

Na América Latina pulsam as ruínas do futuro.

Fui a Cuba em Novembro de 2023 para realizar algumas entrevistas e oficinas relacionadas à tese de doutorado que tenho desenvolvido desde 2020¹, esse trabalho tem sido desenvolvido por ocasião da tese, que propõe caminhos para pensar a decolonialidade dentro do ensino superior em design. Para tanto, vim fazer um doutorado sanduíche na Cidade do México por um ano e tenho aproveitado esse tempo não somente para a aprofundamento teórico e para a escrita, como também para conhecer profissionais da docência em design bem como outras universidades de diversos países latino americanos, e entender como esse campo tem se desenvolvido nos últimos anos, nestes espaços institucionalizados de construção de conhecimento.

Em Cuba percebi que vivencio, nas viagens que faço, não o papel de turista, mas sim o de visitante. Vou a ver, vou a *volver*. Reviver esse ainda não vivido, mas que está premente pela junção da abertura ao estranho, e das mestiçagens das memórias e das experiências já vivenciadas. O texto a seguir propõe uma mestiçagem também entre as línguas. Numa tentativa de *portunholizar* e criar intimidade e irreverência através da linguagem, opto aqui por neologizar, misturar palavras e não traduzir citações ou expressões do espanhol. Assim, nas viagens físicas ou nas da escrita, vou: para estar continuamente aberta a esse *infamiliar* (FREUD, 2019) acolhedor e assustador do mundo. Para descobrir, a cada viagem, costuras com retalhos de tempo e espaço. Visitar, ver, viver, voar, pra compartilhar com alguém. Aqui, partilho na

¹ Deixamos aqui os agradecimentos às bolsas de pesquisa e de doutorado Sanduíche ofertadas pela CAPES e que permitem os desdobramentos dessa pesquisa aqui citados.

CIACT/SAD 09

tentativa de tecer nessa escrita de si, outros modos de habitar/construir mundos. Na tentativa

[...] não de perseguir o indizível, não de revelar o que está oculto, mas, pelo contrário, de captar o já dito; reunir aquilo que se pôde ouvir ou ler, e isto com uma finalidade que não é nada menos que a constituição de si (...) hypomnemata é uma prática regrada e voluntária da disparidade. É uma escolha de elementos heterogêneos. (FOUCAULT, 1992, p.137)

Fui habitada nesta viagem pelas imagens de uma deusa. Na véspera da ida a Cuba, abri o livro Mulheres, de Eduardo Galeano. Um livro de contos muito curtos, em geral uma lauda cada, em que o autor passeia pelas histórias de mundos contando concisamente histórias de mulheres. Ele transita por figuras do grego clássico, santas e personalidades bíblicas e de outras religiões, viaja pelo mundo na Ásia, pela África com Cleópatra e as imagens roubadas de Vênus ancestrais. O livro é uma dança de fragmentos das vidas e trajetórias de ninfas, rainhas, revolucionárias, guerreiras, santas e pecadoras de diversos lugares, tempos e pluriversos. Havia começado a leitura do livro na minha chegada ao México, em Agosto. Li alguns contos e o devolvi para a estante. Nesse dia: 25 de Novembro de 2023, abri o livro como um oráculo, não na página marcada, mas numa outra página, aleatória.

Passeio com os dedos pelo livro, sorteio uma página ao acaso e me deparo com o seguinte texto:

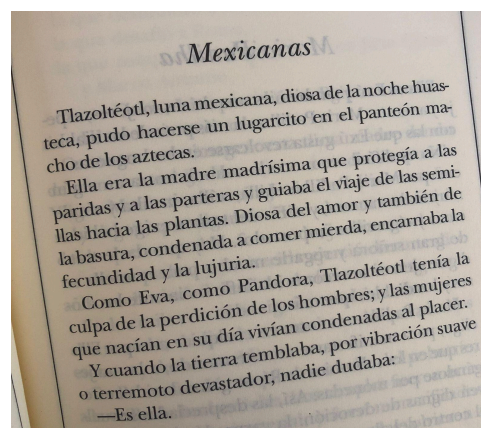


Figura 1.

Fonte: Autora, 2023

CIACT/SAD 09

O arrebatamento foi imediato. Não tenho certeza de quais palavras, quais imagens, quais ingredientes fizeram a magia: *lua, guiar a viagem, terremoto devastador, das sementes até as plantas, perdição, mãe* ou a aproximação com *Eva e Pandora*: mulheres mitologicamente criadoras das dúvidas e do caos da vida. Mas a poção de associações de palavras fez efeito instantâneo, algo! Um devir, um sopro, um assombro, um sussurro, um incêndio: Algo se acendeu, ardeu em mim e fez com que imediatamente eu soubesse que eu pertencia a esse texto, que de alguma forma ele precisava habitar em mim.

Nunca havia escutado nada sobre essa divindade, mas no momento em que terminei a leitura senti o impulso iminente de aprofundar a busca. Abri o computador e comecei a cavucar a terra (da internet). Precisava encontrar as carnes enterradas dessa deusa tectônica e telúrica que é responsável pelos terremotos e que simultaneamente é a deusa da lua e da noite. Felizmente retornaram diversos resultados.

TLAZOLTEOTL: DESEJO Y DESECHO

*Arránqueme, señora, las ropas y las duda.
Desnúdeme, desdúdeme.* (Eduardo Galeano)

Para entender a história de Tlazoltéotl, ou a "deusa da imundície", é preciso entender brevemente como se configuraram e algumas das propriedades das divindades mesoamericanas:

Cuando en el siglo XVI aparecieron los primeros intentos de interpretación de la religión indígena, los frailes tradujeron la palabra teotl al español como "dios", "santo" o incluso "demonio", sin tomar en consideración el aspecto transcendental del culto. Sin embargo, la religión mesoamericana no es tan simple como podría parecer a primera vista. El sentido verdadero de teotl era similar a la idea polinesia de "mana", una fuerza impersonal o, en otros términos, una concentración de energía cósmica. (...) El teotl estaba hecho de una materia ligera, imperceptible por el ser humano, por lo tanto habría que buscar la manera de materializarlo en la substancia pesada. Para hacerlo, los indígenas utilizaron dos métodos: pintar o esculpir a los dioses, obteniendo así el teixiptla estático, o disfrazar al ser humano con sus atavíos, creando de esta manera el teixiptla humano (GAJEWSKA, 2015, p.91).

CIACT/SAD 09

Há então uma dualidade entre este “mana”, energia pulsante, concentrada, entre esta *ânima* e sua forma-matéria-estática, incorporada nas imagens, esculturas e representações da deusa:

A partir de esta reflexión se puede explicar la multiplicidad de las representaciones de la diosa Tlazolteotl en los códigos mesoamericanos. Entendiendo que no podemos hablar solamente de una figura antropomórfica, sino que contamos con una deidad pero con diferentes nombres, atavíos y funciones, un teotl en diferentes manifestaciones entrelazadas entre sí (...) Una diosa que es responsable de diferentes asuntos mundanos, por un lado es la partera, la madre, la fertilidad, pero que por otro lado se asocia, de una manera poco clara, con lo nocturno y juerguista. (GAJEWSKA, 2015, p.92, grifos nossos)

Assim, vemos primeiramente, que por se tratar de uma incorporação de uma energia incapsulável, as apresentações, representações, funções e corpos dos deuses podem ter várias formas e características plurivalentes. Esta é então uma deusa que congrega elementos heterogêneos e aparentemente incompatíveis. “Tlazoltéotl representa la integración vital de la evolución erótica agradable y de la involución tanática desagradable”(GAJEWSKA, 2015).

É preciso ainda lembrar, que essas dicotomias e bipartições cartesianas são preceitos que não necessariamente se aplicavam aos povos originários de *Abya Yala*. Esta entidade abriga assim algumas antíteses e paradoxos dentro da concepção ocidental de mundos: “La diosa por un lado adquiere las características masculinas propias de una guerrera, pero por otro es la encarnación de una trabajadora doméstica, mujer tejedora y partera” (GAJEWSKA, 2015, p.93). Há ainda outro dado, devido ao sincretismo religioso entre diversos povos indígenas, os deuses se mesclavam:

Acercándonos a cada dios mesoamericano tenemos que tener en cuenta que el panteón náhuatl surgió a partir del sincretismo de los numerosos pueblos indígenas que vivieron en contacto durante siglos. Por esta razón sus creencias se mezclaban entre sí, unos dioses se atribuían las características de los otros y una función la podían desempeñar varias deidades de diferente procedencia. (GAJEWSKA, 2015, p.94)

A partir desse sincretismo, dessa observação e consciência dos ciclos naturais e da vida de modo geral, temos a deusa Tlazoltéot (do *Nahuatl*: 'tlazōlli, sujeira; *teōtl*, divino'), é uma divindade de origem huasteca que, na mitologia mexicana, é a deusa da luxúria e dos amores

CIACT/SAD 09

ilícitos. Representa a senhora do sexo, da carnalidade e de transgressões morais. Vejamos a seguir alguns dos aterramentos que podemos aprender com essa deusa telúrica .

Os primeiros frades que investigaram a antiga deusa a descreveram como uma deusa do amor desenfreado, dos casais infiéis e do lixo. Na realidade, Tlazolteotl era uma deusa muito importante entre os Nahuas e Mexicas, pois tinha muitas funções. Era a padroeira da fiação e da tecelagem, da fertilidade da terra, do parto, da adivinhação e da saúde, pois ajudava a curar aqueles que adoeciam.

A deusa tinha nomes diferentes que correspondiam às suas diferentes funções. Ela era chamada de Tlaelcuani, “comedora de sujeira”. Com esse nome, era responsável por devorar a sujeira e fertilizar a terra. Nesse sentido, pode-se entender que ela era a deusa dos fertilizantes que são adicionados à terra para torná-la mais fértil. Os fertilizantes naturais eram feitos a partir de resíduos alimentares, materiais orgânicos, ou seja, lixo que seria utilizado para alimentar a terra e posteriormente obter colheitas como recompensa.

A palavra *tlazolli* significava lixo, mas também se refere a *algo que perdeu sua ordem ou estrutura*, portanto a palavra pode ser entendida como algo que altera a ordem e, conseqüentemente, gera doenças. Isso revela a fina tecnologia do sensível e o conhecimento ancestral da correlação vida-morte-vida como algo cíclico praticados e incorporados nas culturas ancestrais latinoamericanas. Nêgo Bispo sintetiza: “Começo-meio-começo” para sinalizar os modos como os povos originários encaravam as formas de vida e de tempo. Assim, aqui notamos que para que algo deixe de significar lixo ou simbolizar o descarte, é necessário que devolvamos a esse elemento alguma estrutura própria e um lugar na estrutura das coisas/da vida/dos sistemas.

Durante a evangelização dos espanhóis no novo mundo, era considerada uma divindade que eliminava o pecado do mundo entre os mexicas, e a deusa mais relacionada com a sexualidade e os estados da lua. Nos códices ela era representada na posição asteca usual para dar à luz ou às vezes defecar, porque os pecados da luxúria eram simbolizados com excrementos.

À deusa Tlazoltéotl também foi creditada a invenção da tecelagem e do bordado. Alguns dos seus nomes e diversos de seus símbolos remetem à ideia de “mulher-algodão”. Em diversas representações a deusa representada com seu cocar de algodão, que carrega dois fusos com seus

CIACT/SAD 09

guinchos para fiar algodão, em outras também usa a faixa de algodão cru firmemente em volta da testa. Na verdade, Tlazolteotl está relacionado com o algodão e a tecelagem, mas também com o tiro de flechas e das peles esfoladas.



Figura 2 - Características: mutabilidade, se transformam ao longo do ciclo da vida.
Fonte: <https://arqueologiamexicana.mx/mexico-antiguo/las-diosas-de-la-pasion-carnal>, 2024.

São muitas as imagens através da qual essa deusa resume perspectivas possíveis sobre o Design Latinoamericano e o que podemos a partir dele. Tlazolteotl, a deusa que dá luz a si mesma, nos lembra muitos dos questionamentos e provocações levantados por Haraway em "Permanecer com o problema". Ela nos desafia nesse sentido da transformação das coisas. De conseguir digerir e transformar em energia para gerar novas vidas. Praticar composições e compostagens com a vida. Ao mesmo tempo nos leva a questionar o próprio conceito de lixo, de *basura* ao evidenciar o sentido de ciclicidade da vida. Como aponto Coccia a respeito desse saber ancestral das coisas vivas como eterno alimento uma para as outras:

Toda floresta faz da vida uma força capaz de colher a luz do sol no corpo de Gaia para animá-la. De fato, crescer, para cada planta, é acumular luz em seu próprio corpo. Acumular cada vez mais luz a partir de uma estrela extraterrestre. Cada planta é, portanto, um agente de assimilação de uma energia extraterrestre que bem de uma estrela no corpo mineral de Haia. A árvore, que imaginamos como a expressão mais

CIACT/SAD 09

terrestre da vida, contém e retém, em sua carne carbônica, uma luz que vem de outros lugares. Uma maçã, uma pera, uma batata: pequenas luzes extraterrestres encapsuladas na matéria mineral do nosso planeta. É essa mesma luz que cada animal busca no corpo do outro quando come (pouco importa se come outros animais ou plantas): cada ato de alimentação nada mais é do que um comércio secreto e invisível de luz extraterrestre que, através desses movimentos, flui de corpo para corpo, de espécie para espécie de reino para reino. os seres vivos transformam as pedras em depósitos estelares. (COCCIA, 2020)

Essa divindade nos convida, como Haraway e Coccia em seus respectivos textos, a aprendermos a nos aliar às minhocas, moscas, baratas, pombos, ratos e outros seres decompositores nas lamas e nas basuras do antropoceno (humusidades). Nos livrar do asco, do nojo e da aversão pelo sujo, inseridos em nossos processos cognitivos pelo projeto colonizador, branco, limpo, ascético e europeu, e aprender novas miríades e miradas para lidar com descartes.

A imagem de uma deusa parideira, com brincos de flor de algodão que chupa a sujeira, as doenças e vomita adubo, que ensina às sementes o caminho para brotar, às crianças o caminho pra nascer, pode ser um contraponto e simultaneamente um diálogo interessante com a imagem monstruosa, tentacular e um tanto fálica do polvo do "Chthuluceno". Ela é um ponto para aterrar algumas questões, pois possui essa ambivalência: telúrica y lunar, guerreira e tecedora, assassina com sua flecha e parideira com seu útero. Além de ser a deusa dos excessos, da luxúria, do lixo e da transformação. O antropoceno tem como característica ser esse tempo das monstruosidades do excesso da presença humana consumindo através do luxo, do lixo e da luxúria: 8 bilhões de humanos, todos tentando consumir, comer e regurgitar em sua capacidade máxima.



Figura 3 - Vemos acima esses elementos ambíguos: numa mão armas, na outra a roca de fiar.
Fonte: <https://arqueologiamexicana.mx/mexico-antiguo/las-diosas-de-la-pasion-carnal>, 2024.

CIACT/SAD 09

O campo do design, como vem sendo praticado nas últimas décadas, é um dos grandes articuladores nesse projeto de comer mundo. Design devora. Mas também é o design que pode nos ajudar a nos reencantar por essa "*mana*", *una fuerza impersonal o, en otros términos, una concentración de energía cósmica*", esta energia emanada por Tlazolteotl, que nos permita nos relacionar com o lixo, com o descarte, com as fezes, com a putrefação. Que a deusa nos inspire assim, para que consigamos redirecionar o design para uma curiosidade em torno das potências de transformações da basura.

COMEÇO MEIO COMEÇO _ LUGARES DE RENASCIMENTO

Estava portanto habitada por essa deusa quando cheguei em Cuba, como já estou habitada há algum tempo por Ursula K. Le Guin e sua bolsa de ficção científica. Andando pelas ruas cubanas, há latente a sensação de que o país está em guerra. A guerra ideológica travada há 6 décadas contra as grandes potências hegemônicas capitalistas transpira pelas ruas. Seja na ausência de jovens que a cada ano superam recordes de êxodo e migram para realizar o implantado sonho americano, no excesso de idosos caminhando a esmo, e nos corpos das crianças que brincam de futebol e correm pelas ruas.

A cidade de Havana é constituída por ruínas que palpitam entre cores desbotadas e vibrantes, uma a cada andar de cada prédio e simultaneamente, a cidade é dotada de uma arquitetura impactante que mescla registros e estilos históricos de vários tempos, desde o colonial, passando pelo neoclássico e uma série de prédios em *art déco*. No clima quente, tropical e ventilado; na auto-estima do povo em relação à sua cultura; na recusa em se dobrar ante as escassez de recursos, e na capacidade e inventividade geral, percebi na ISDI (Instituto Superior de Diseño), faculdade de design da Universidad de La Habana, a capacidade de estudantes e professores da pratica de uma inventividade constante, uma habilidade de fazer *muito com pouco*.

CIACT/SAD 09

HAY QUE CAMBIAR DONDE NACEN LOS DESEOS

Apesar da rica história e cultura, Cuba é nitidamente um território condicionado à escassez. As vitrines das lojas contém poucos itens, dentro dos interiores dos comércios, até mesmo alimentícios, há poucos objetos em exibição. Não existem grandes supermercados com uma quantidade infinita e assustadora de produtos à disposição como na maioria dos países capitalistas. É um país condicionado à falta. Ao mesmo tempo há fartura de lixo. Em Cuba, ao me deparar com as pilhas de entulhos e despejos não parava de pensar no que é que sequer chamamos de lixo. Sobre essa cidade em transmutação ao longo das últimas décadas, a premiada contista cubana María Elena Llana relata em seu conto *Volver*, sobre uma mulher que retorna à capital após dois anos de autoexílio no exterior:

Estás no solo en La Habana, sino en el malecón de La Habana, mirándolo desde tu maltrecho pero aún firme tercer piso. Todo esto es un estado de ánimo. Vivir aquí, sentirte aquí, contemplar las transmutaciones de la ciudad, verla como era antes (...) Aquella Habana pecaminosa de los ya remotos cincuenta, que nunca te contaminó porque tu vida era otra, clase media a la española, sin escasez ni derroche. Y la que le siguió, la de las movilizaciones y los tanques andando por Carlos III (...) esperando que nos tiraran la Bomba en el 62 (...) la de las colas inmensas frente a cualquier lugar donde vendiesen algo - frituras, electrodomésticos, escobas, aspirinas - u ofrecieran algún servicio -peluquería, posada, fotos de carnet, lavado de ropa - hasta caer en esta de ahora, con basureros en cualquier esquina, parques sin bancos, aceras erosionadas, casas en ruinas, horrendos olores y lo peor... el silencio. (LLANA, 2016, p.85)

Caminhando pela urbe cubana me lembrava com frequência das experiências opostas que tenho vivido em diversas cidades do México. Em Playa del Carmen, uma cidade à beira mar muito turística (especialmente frequentada por norte-americanos), nos deparamos com um lugar aparentemente muito limpo, todavia há ruas e mais ruas preenchidas de incontáveis lojinhas de cacarecos a serem vendidos para os turistas. Todas as cidades turísticas no México asfixiam com tendas, barracas e vendedores ambulantes tentando vender bottons, chaveiros, imãs de geladeiras... Produtos mais simbólicos que utilitários, que por sua alta padronização, baixo valor e falta absoluta de personalidade e charme, revelam uma faceta estereotipada da cultura mexicana e servem muito mais talvez para comprovar o passeio, do que, como o nome brasileiro

CIACT/SAD 09

sugere, ser uma “lembrancinha” *de/para* alguém especial com quem gostaríamos de compartilhar a memória da viagem.

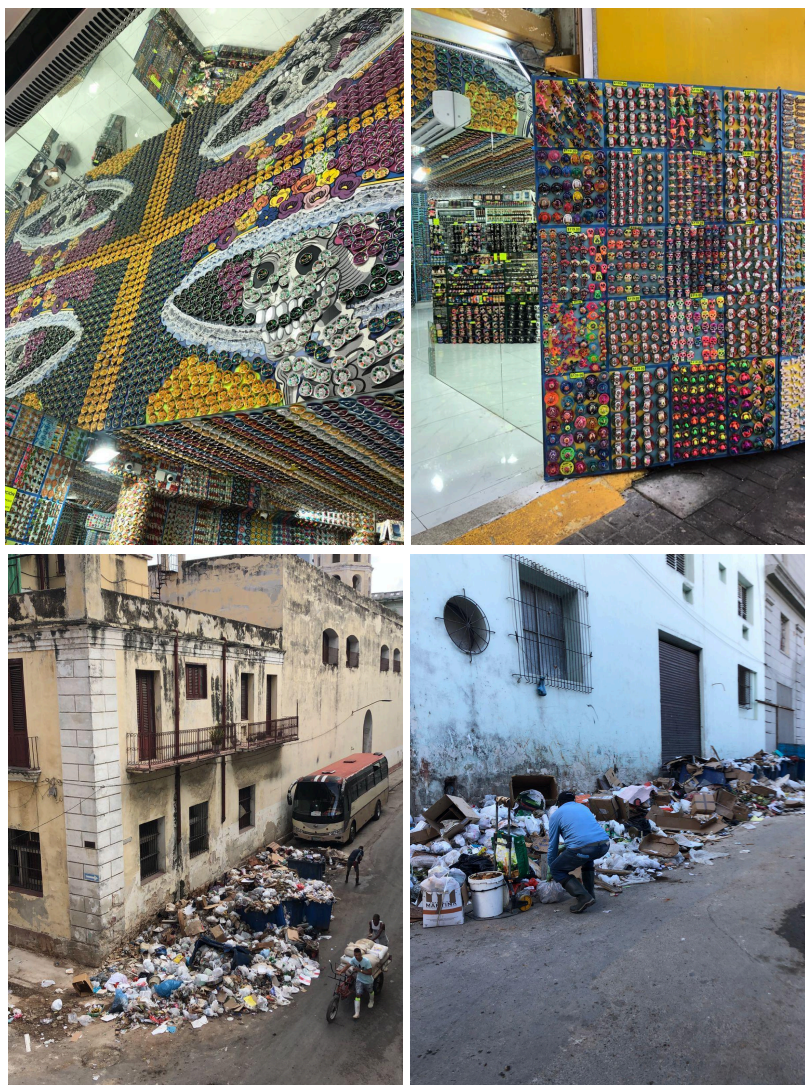


Figura 4 - Diferentes facetas e apresentações da basura:
Acima Playa del Carmen, abaixo ruas de Havana. Fonte: Autora

Ao olhar as imagens acima, elas representam para mim duas formas de uma mesma aberração: o problema do lixo é uma das questões mais éticas e prementes dentro do campo do design. A América Latina tem se tornado um *basurero del mundo*. Essa imagem de campo de

CIACT/SAD 09

descarte do mundo se dá não somente pelas imagens aterradoras do deserto do Atacama em que vemos literalmente montanhas com toneladas de roupas descartadas por países europeus deformando a paisagem, mas sobretudo porque com seu *soft power*² os países hegemônicos retroalimentam em nós cada vez mais esse desejo de comer e consumir suas basuras simbólicas e materiais.

Desta feita, não somente nos submetemos, mas pior, desejamos ser o deglutidor desses materiais tóxicos. Eles repassam para *nosotros* tudo aquilo que lá não querem consumir: comidas industrializadas, roupas de tecidos sintéticos, alimentos geneticamente modificados, medicamentos perigosos, agrotóxicos cancerígenos e repassam até mesmo sistemas industriais, políticos, tecnologias e ideologias defasadas e obsoletas.



Figura 5 e 6 - Relações entre escassez e abundância/
Monstruosidades e aberrações do Antropoceno

Fig à esquerda: Vitrine de lojas de roupa em Havana com poucas peças à venda.

Fig à direita: Montanhas de roupas no Deserto do Atacama

Durante a pandemia o consumo de produtos de luxo se intensificou enquanto a quantidade de pessoas passando fome aumentava. Vimos, nesses últimos anos, se intensificar o fetichismo da mercadoria como símbolo de poder e uma existência humana reduzida a relações de competição e consumo (GALEANO, 1977, p.442). Temos reverberado assim, o cumprimento

² Na política (e particularmente na política internacional), o *soft power* é a capacidade de cooptar em vez de coagir (em contraste com o *hard power*). Isso envolve moldar as preferências dos outros através do apelo e da atração. O *poder brando* é não-coercitivo utiliza a cultura, os valores políticos e as políticas externas para promover hábitos e influenciar mudanças culturais que beneficiam aos países hegemônicos.

CIACT/SAD 09

da premonição do autor que profetizava já nos anos 70: “*se puede morir de indigestión, tanto como de hambre*” (GALEANO, 1977, p.443).

Se somos o *basurero del mundo*, como poderíamos aprender com a deusa Tlazoltéotl a transformar esse grande lixo em que estamos afundados em estrume, adubo e fertilizantes para fazer nascer outro mundo? Suely Rolnik aposta numa “revolução do inconsciente” para escaparmos a isso que ela chama de uma cafetinagem capitalista, para que possamos ser essas esferas da insurreição, como ela convida no título do seu livro. Sejam verdadeiros vermes, no melhor sentido do termo. *Necesitamos cambiar donde nacen los deseos*.

Assim, algumas provocações remanescentes que se apresentam após a tessitura deste texto são: É possível cultivar a escassez sem romantizar a pobreza? Como atuar fora das bordas do excesso? Tlazoltéotl nos ensina assim caminhos possíveis para dar a volta nessa fita de Moebius da basura. Sem apartá-la, o caminho talvez seja chafurdar-se.

Se “*todo mundo sabe que nossas cidades foram construídas para serem destruídas*”, conforme provoca Caetano Veloso na música que dá título a esse texto, o que o povo latino mostra é sua capacidade contínua de projetar-se a partir da queda, do torto, do decaimento e das destruições. Vemos, portanto, que é possível projetar sensibilidade, “harmonias bonitas”, utilizar nossas ferramentas como criadores para não esquecer, para encontrar modos de aprender a permanecer com esses problemas de maneira afetiva e significativa praticando a response-hability. Incorporamos a dor e o desmantelamento e transformamos em novos bordados, tecemos outros modos de existir.

O que nos assusta, é constatar, a partir dos eventos acima citados, o que Krenak aponta como uma grande celeridade na queda. Através da recriação, da transformação das coisas, pensamos que o design latino americano pode nos ajudar a projetar os tão necessários pára-quedas coloridos invocados pelo autor. Como vemos acima, na América Latina pulsam e se reinventam as ruínas do futuro. Proponho pensar com Le Guin, a partir da imagem do *baso*, do pote, da bolsa e do útero do mundo. Pensar a basura como um lugar de renascimento. Retomando Ney Matogrosso, a América Latina é assim o tanto lixo que consome e também tem em si o maná da criação que dele emana. Sejam “o cesto para coletar estrelas”.

CIACT/SAD 09

REFERÊNCIAS

- COCCIA, Emanuelle. *Metamorfoses*. Rio de Janeiro: Dantes, 2020.
- FOUCAULT, Michel. A escrita de si. em: *O que é um autor?* Trad. António Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro. Lisboa: Editora Vega. 1992.
- FREUD, Sigmund. *O infamiliar* [Das Unheimliche]. Rio de Janeiro: Autêntica, 2019.
- GAJEWSKA, Marta, “Tlazolteotl, un ejemplo de la complejidad de las deidades mesoamericanas”, *Ab Initio*, Núm. 11 (2015), pp. 89-126, disponível em www.ab-initio.es
- GALEANO, Eduardo. *Las venas abiertas de América Latina*, México, DF: Siglo XXI Editores, 1980, 38ª edición.
- GALEANO, Eduardo. *Mujeres*, México, DF: Siglo XXI Editores, 2015.
- HARAWAY, Donna. *Staying with the trouble: Making Kin in the Chthulucene*. Durham: Duke University Press, 2016.
- LLANA, María Elena. *Cuentos al azar*. La Habana: Ediciones Almargen, 2016.
- LE GUIN, Ursula K. *Teoria da Bolsa de Ficção*. Rio de Janeiro: N-1 Edições, 2021.
- ROLNIK, Suely. *Esfera da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. Rio de Janeiro: N-1 Edições, 2018.

Como citar este texto:

GOUVEIA, Maira; DUARTE, Oriana. Encontrando uma deusa latino-americana. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARTE, CIÊNCIA E TECNOLOGIA e SEMINÁRIO DE ARTES DIGITAIS, 9, 2024, Belo Horizonte. *Anais do 9º Congresso Internacional de Arte, Ciência e Tecnologia e Seminário de Artes Digitais 2024*. Belo Horizonte: Labfront/UEMG, 2024. ISSN: 2674-7847. p.1-14.